

Mais barata

COMBUSTÍVEIS

Estatal abandona a paridade internacional e anuncia nova estratégia. Litro do primeiro terá redução de R\$ 0,40 nas refinarias, enquanto o óleo ficará R\$ 0,44 mais barato e o botijão de 13 kg sofrerá corte de R\$ 8,97

Petrobras reduz os preços de gasolina, diesel e gás de cozinha

ISABELA BERNARDES

A Petrobras anunciou ontem mudança na sua política de preços de combustíveis e a redução das tabelas da gasolina, do óleo diesel e do gás de cozinha a partir de hoje. O valor da gasolina nas refinarias da estatal vai cair 12,6%, ou R\$ 0,40 por litro. O diesel será reduzido em 12,8%, ou R\$ 0,44 por litro. Já o gás de cozinha cairá 21,3%, ou R\$ 8,97 por botijão de 13 quilos. A empresa abandonou o conceito de paridade de importação, que simula quanto custaria para importar os produtos. Segundo a Petrobras, seu preço de venda da gasolina nas refinarias será de R\$ 2,78 por litro, contra R\$ 3,18 praticado até ontem, enquanto o do diesel será reduzido de R\$ 3,46 para R\$ 3,02. O repasse para o consumidor, porém, depende de políticas comerciais de distribuidoras e postos.

A gasolina comum em Belo Horizonte pode chegar a R\$ 4,61 após o anúncio de redução de preços. Assislação, porém, está diretamente ligada ao repasse integral dos valores para os consumidores, por parte das distribuidoras e postos de combustíveis. Segundo o Instituto de Pesquisas Econômicas e Administrativas (Ipead), atualmente, o valor médio da gasolina comum em BH é de R\$ 5,28 e, se houver o repasse integral, muda para R\$ 4,61. Ou seja, o litro ficará R\$ 0,67 mais barato. O mesmo ocorre com o gás de cozinha, o valor médio considerado pelo Ipead é de R\$ 121,70 e passaria para R\$ 95,66.

De acordo com Thiago Santos, economista da instituição, essa redução de preço resulta num controle maior da inflação. "Os combustíveis e gás de cozinha no geral têm um peso muito grande no cálculo da inflação, porque são itens muito consumidos. Então, se eles caírem e essa queda for repassada ao consumidor, vai implicar em um efeito muito benéfico", diz. Após cair 0,61% em abril, a inflação medida pelo Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) deve desacelerar para perto de 0,25% em maio e de 0,15%

em junho, projeta o economista André Braz, do Instituto Brasileiro de Economia da Fundação Getúlio Vargas (Ibre-FGV). "Vai ser uma baixa contribuição para segurar a inflação nesses dois meses (maio e junho). Agora, em julho, a gente não pode esquecer que tem novo aumento da gasolina pelo nivelamento do ICMS (imposto estadual). O ICMS vai ser reajustado nos estados, vai subir", pondera Braz.

"Se a gente juntar a contribuição do GLP (0,08 ponto percentual em maio e 0,08 em junho) com a da gasolina (de 0,20 ponto percentual em cada mês), a gente tem mais ou menos 0,30 ponto percentual de desaceleração da inflação em maio e 0,30 em junho", completa Braz. "Isso não altera muito a expectativa de inflação para o final do ano. É um jogo de soma zero. Ela cai agora, volta a subir em julho", acrescenta. O economista segue com a projeção de IPCA perto de 6,2% no acumulado de 12 meses até dezembro de 2023. Até abril, o índice marcou 4,18% nesse recorte, segundo os dados mais recentes divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

MUDANÇA A companhia já havia sinalizado na semana passada que cortaria os preços, depois que aliados do governo vazaram informações de reunião do presidente da estatal, Jean Paul Prates, com o presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT). Os preços internos dos combustíveis estão bem superiores às cotações internacionais, segundo estimativa da Associação Brasileira dos Importadores de Combustíveis (Abicom). No caso da gasolina, por exemplo, a diferença era de R\$ 0,36 por litro na abertura do mercado de ontem. Considerando apenas as refinarias da Petrobras, a diferença era de R\$ 0,42 por litro. No caso do diesel, calcula a Abicom, o preço interno era negociado com ágio médio de R\$ 0,23 por litro. Nas refinarias da estatal, o ágio era de R\$ 0,28 por litro.

O corte superior ao ágio já reflete a nova política de preços,



Com redução para distribuidores, expectativa é de que valores sejam reduzidos nos borbos. Em BH, gasolina pode chegar ao preço médio de R\$ 4,61 o litro

uma vez que a estatal não mais usará esse parâmetro na sua definição de valores. Agora, a formação de preços mira a busca por clientes e o custo de oportunidade de venda dos produtos. A expectativa é que a mudança contribua para reduzir os preços no país. A empresa não divulgou uma fórmula de precificação dos combustíveis. Diz que os valores serão definidos com base nas alternativas de suprimento, ou seja, a concorrência, e no custo de oportunidade, isto é, por até qual valor a estatal poderia vender o produto.

Em coletiva ontem, o presidente da Petrobras, Jean Paul Prates, e o ministro de Minas e Energia, Alexandre Silveira, detalharam as mudanças na política de preços. De acordo com o ministro, estava na hora de "abrasileirar" o preço dos combustíveis. "Era hora de sinalizar de forma clara que o governo Lula vai cobrar de todas as empresas que cumpram com o seu papel social, compreendendo que elas têm que ser competitivas, lucrativas e atrativas para os investidores. De forma alguma, a Petrobras deixará de ser atrativa para os investidores", declarou.

É bom enfatizar que a redução não é paridade de importação, é referência internacional. Portanto, isso significa que, evidentemente, quando o mercado lá fora estiver aquecido e o petróleo e seus derivados com preços fora do comum, consolidadamente mais altos, isso será

refletido no Brasil, porque 'abrasileirar' os preços significa levar as nossas vantagens em conta, porém sem tirar o Brasil do contexto internacional, evidentemente", explicou. "Vamos continuar seguindo as referências do mercado, sem abdicar das vantagens competitivas de ser uma empresa com grande capacidade de produção e estrutura de escoamento e transporte em todo o país", afirmou.

Segundo Prates a rentabilidade da empresa não será afetada pela medida. Ele nega que seja uma intervenção do governo federal na governança da companhia. "Não há intervenção. É uma vontade política que foi eleita. Os instrumentos de rentabilidade estão integralmente mantidos. A Petrobras recupera a sua liberdade de fazer preços. Nós nos 'alforriamos' de um único fator, que a paridade - disse Prates. Para o ministro Alexandre Silveira, a redução de preço dos combustíveis abrirá margem a uma menor pressão inflacionária e eventual redução dos juros por parte do Banco Central.

REAÇÃO DO MERCADO O mercado reagiu positivamente às mudanças na Petrobras. Ações preferenciais subiram 2,41% e as ações ordinárias, 2,48%. A alta nos papéis da Petrobras não sustentaria o preço ontem. A Bolsa brasileira fechou em queda e interrompeu uma sequência de ganhos ontem, puxada por um tombo de mais de 20% nas ações da Magalhães. O dólar teve alta e voltou a patamar dos R\$ 4,90. O Ibovespa teve queda de 0,77%, chegando aos 108.193 pontos, enquanto o dólar subiu 1,06%, fechando a dia a R\$ 4,942. (Com agências)

“ Os instrumentos de rentabilidade estão integralmente mantidos. A Petrobras recupera a sua liberdade de fazer preços. Nós nos 'alforriamos' de um único fator, que a paridade”

■ Jean Paul Prates, presidente da Petrobras

Especialistas criticam falta de transparência

O setor de combustíveis avalia que a nova política de preços mais das importações e hoje é responsável por cerca de metade das compras dos dois produtos no exterior. Com menor previsibilidade de preços, diz Araújo, empresas privadas terão menos segurança para trazer os produtos, já que são necessários ao menos 60 dias entre o momento da compra e a chegada da carga ao país. Ou seja, entre a compra e a venda, o preço pode mudar para valores que as companhias terão menos capacidade de prever, afirmam.

O mercado de etanol hidratado, por sua vez, é totalmente relacionado aos preços da gasolina, quando esta está muito barata, o consumidor deixa de consumir o biocombustível, que tem rendimento menor nos motores. Defensora de preços menos alinhados ao mercado internacional, a Associação Brasileira de Revendedores de Combustíveis Independentes (Livres) também questiona a falta de detalhes sobre a nova política de preços. "A transparência é fundamental para que todo o mercado (investidores, concorrentes internos, importadores, seguradora para os outros produtores de combustíveis e para os combustíveis alternativos", defende que a falta de referências cria insegurança sobre as operações de empresas que ajudam a suprir o mercado interno e, em último caso, pode causar problemas de abastecimento. "A falta de transparência gera insegurança para novas importações, gera também insegurança para os outros produtores de combustíveis e para os combustíveis alternativos", defende o presidente da entidade, Sérgio Araújo.

Fúsel importado representa um quarto da demanda brasileira. No caso da gasolina, esse

percentual é de 12,5%. A Petrobras passou a ter que participar mais das importações e hoje é responsável por cerca de metade das compras dos dois produtos no exterior. Com menor previsibilidade de preços, diz Araújo, empresas privadas terão menos segurança para trazer os produtos, já que são necessários ao menos 60 dias entre o momento da compra e a chegada da carga ao país. Ou seja, entre a compra e a venda, o preço pode mudar para valores que as companhias terão menos capacidade de prever, afirmam.

O mercado de etanol hidratado, por sua vez, é totalmente relacionado aos preços da gasolina, quando esta está muito barata, o consumidor deixa de consumir o biocombustível, que tem rendimento menor nos motores. Defensora de preços menos alinhados ao mercado internacional, a Associação Brasileira de Revendedores de Combustíveis Independentes (Livres) também questiona a falta de detalhes sobre a nova política de preços. "A transparência é fundamental para que todo o mercado (investidores, concorrentes internos, importadores, seguradora para os outros produtores de combustíveis e para os combustíveis alternativos", defende que a falta de referências cria insegurança sobre as operações de empresas que ajudam a suprir o mercado interno e, em último caso, pode causar problemas de abastecimento. "A falta de transparência gera insegurança para novas importações, gera também insegurança para os outros produtores de combustíveis e para os combustíveis alternativos", defende o presidente da entidade, Sérgio Araújo.

NOVAS TABELAS

Mudança no valor das combustíveis a partir de hoje

Combustível	Porcentual de redução	Valor antigo	Valor atual	Queda em R\$
Gasolina	12,6%	R\$ 3,18	R\$ 2,78	R\$ 0,40
Diesel	12,8%	R\$ 3,46	R\$ 3,02	R\$ 0,44
Gás de cozinha*	21,3%	R\$ 3,22	R\$ 2,53	R\$ 0,69

Botijão de 13 kg	Redução no valor	Expectativa de preço ao consumidor
	R\$ 8,97	R\$ 99,87

* valor por quilô

Fonte: Petrobras

Botijão de 13 kg abaixo de R\$ 100

A queda do gás de cozinha, que compromete 1,3% do orçamento familiar, pode chegar ao consumidor na forma de uma redução de 15%. Com isso, o valor do botijão de 13 kg deve ficar abaixo de R\$ 100 pela primeira vez desde outubro de 2021. A expectativa anunciada ontem pelo presidente da Petrobras, Jean Paul Prates, é que o valor do botijão fique em R\$ 99,87, na média, em todo o país. Na prática, o preço do GLP cairá de R\$ 3,2256 para R\$ 2,5356 por quilô. Portanto, o valor médio nacional para o consumidor final será de R\$ 99,87 (botijão de 13kg), o que representará um corte de R\$ 8,97 ou 21,3%.

"Mantidas as parcelas referentes aos demais agentes conforme a pesquisa de preços da ANP para o período de 7 a 13 de maio, o preço médio ao consumidor final poderia atingir o valor de R\$ 99,87 por 13kg", informou a estatal por meio de nota. "Isa é a melhor notícia. Baixamos (o preço do botijão) de R\$ 100", comentou Prates logo após se reunir com o ministro de Minas e Energia, Alexandre Silveira, em Brasília.

Segundo o economista André Braz, do Instituto Brasileiro de Economia da Fundação Getúlio Vargas (Ibre-FGV), "isso significa que o IPCA dos próximos 30 dias vai ser impactado em cerca de 0,17 ponto percentual. Metade disso ficará no mês de maio e me-

tade em junho. Então, esse impacto não vai ser totalmente sentido neste mês".

O governo deve aproveitar o corte nos preços do litro de gás para alargar a redução para abaixo de R\$ 100 depois de 19 meses. Isso porque enquanto a redução dos preços da gasolina é percebida pela classe média e o do óleo diesel por motoristas de caminhão e transportadores, o gás afeta principalmente a população de baixa renda, que utiliza o insumo para preparar os alimentos e com os aumentos substituiu o derivado do petróleo pela lenha

HISTÓRICO Em setembro do ano passado, a Petrobras baixou o

preço do quilô do gás de cozinha de R\$ 4,23 para R\$ 4,03 nas distribuidoras. Assim, o valor do botijão de 13 quilos que é usado nas residências passa a equivaler a R\$ 52,34, nas refinarias, refletindo redução média de R\$ 2,60 em relação ao valor anterior. A Petrobras explica que o GLP vendido para as distribuidoras nas refinarias da estatal representa em torno da metade do preço do botijão de 13 quilos cobrado do consumidor. O restante corresponde a impostos estaduais e federais, e aos custos e as margens de comercialização das distribuidoras e dos pontos de venda.

O gás líquido de Petróleo (GLP) adquirido pelas distribui-



Valor do gás de cozinha nas vendas será o menor desde outubro de 2021

doras pode ser revendido para o segmento industrial, geralmente a granel, utilizando camiões-tanque, ou para clientes

dos segmentos comercial, residencial e institucional na forma a granel ou engarrafado em cilindros ou botijões.

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Estado de Minas - Belo Horizonte/MG

Seção: Economia **Página:** 5